

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO

**Relatório Projeto de Conclusão  
“TEMPO LIVRE”**

Orientadora: Aglair Bernardo  
Aluno: Cláudio R. T. Narciso

Ilha de Santa Catarina, Dezembro de 1998

Os programas do Projeto Tempo Livre têm menos de quatro minutos de duração cada um, ao todo quase 12 minutos. Estes foram com certeza os minutos mais longos da minha vida, duraram meses. Desde que me envolvi no Projeto Tempo Livre, meu tempo (deixou de ser livre) passou a ser mais e mais absorvido por ele. Foi a única disciplina que cursei no semestre e a tarefa que me ocupou inteiramente nos últimos meses.

Começamos a pensar o programa, como equipe, na cabeceira da Ponte Hercílio Luz. O nome surgiu ali naquele bar, tomando refri e água mineral. As coisas iam se amarrando, gente ótima aparecendo para ajudar, o que nos fez trabalhar com mais gosto.

Felizmente Felipe é Administrador de Empresas, pois nosso tempo foi curto, tivemos que otimizá-lo e havia muito para fazer. As belas situações que nos são oferecidas constantemente nesta Ilha facilitam o trabalho. A lanchonete onde lanchamos após nossa primeira reunião acabaria tornando-se mais tarde uma das nossas locações, o garçom que nos atendeu foi depois um entrevistado, o acaso sempre ajudando.

Trabalhar com vídeo envolve sempre um grande número de pessoas. Às vezes tínhamos medo que os créditos tomassem tempo demais do programa após incluirmos os agradecimentos. Tivemos muitas necessidades e quase sempre conseguimos supri-las adequadamente. Cada Programa exigia uma equipe diversa que mudou de acordo com as necessidades e com a disponibilidade dos nossos colaboradores.

Gente que nos ajudou a pôr o pé na estrada já não estava presente ao término da jornada. Herdamos jóias de cada um deles. Durante um *brainstorm*, Kelly surgiu com o nome do programa. O Murilo me ajudou a perder o medo do roteiro e da direção, Deivi só gravou os dois primeiros programas.

### **Trajetória pessoal**

Quando entrei para o jornalismo pensava apenas em escrever. Logo descobri que o rádio e principalmente a televisão me atraíam muito mais. Devido às restrições de equipamento e conseqüentemente às privações que sofrem as disciplinas de vídeo do Curso, pelo menos na minha época, aprendi muito pouco nas três disciplinas que cursei na área.

Ao final do Curso, me sentindo incapaz de desenvolver um projeto em vídeo, planejei até retardar minha formatura para aprender mais sobre este suporte. Como Projeto de Conclusão desenvolveria uma Grande Reportagem, na linha umbilical, sobre a região de Minas onde nasci ou colocaria em prática uma antiga idéia, a criação de um jornal/revista GLS.

### **Pré-produção**

Nosso programa não pede uma pesquisa de campo aprofundada. Exige, claro, uma boa pré-produção antes de cada saída para gravar. Visitar os locais com antecedência, escolhendo locações e prevendo tomadas; em suma, reconhecer o terreno. Antes de cada saída visitávamos os locais, conversávamos com os donos dos estabelecimentos comerciais e traçávamos o roteiro das gravações.

Durante as gravações, estávamos sempre preparados para tudo, no caso de uma eventual chuva levávamos guarda-chuvas. Para não nos queimarmos no sol e para proteger o cinegrafista tínhamos guarda-sóis. Tudo tinha que estar perfeito pois só dispúnhamos de uma saída para captação de imagens por programa. Tínhamos que providenciar condução para toda a equipe, alimentação, auxiliares para ajudar a carregar equipamento, etc.

Foi necessário também uma pesquisa sobre a infra-estrutura, serviços de informação existentes para receber o turista e sobre trabalhos acadêmicos na área de turismo.

### **Captação de imagens**

Cada programa era uma surpresa. Cada um exigia um tratamento diferenciado e isso fomos aprendendo enquanto fazíamos, as vezes só depois de já ter feito. Dirigir um cinegrafista, sem um monitor, não é fácil. Ficamos na dependência do profissional e só na hora da decupagem víamos o resultado. Sem experiência, como era o meu caso, a coisa fica pior. Suava de nervoso, preocupado se estava fazendo certo, se não estava mandando o câmara fazer bobagens. Ficava inseguro se estava captando o necessário. Ao final, acertando e errando, fui aprendendo. Relembrei ensinamentos da área de cinema como enquadramentos e movimentos de camera. Imitando as ordens da Aglair, fui tomando pé.

A qualidade das imagens está sujeita ao equipamento disponível. E embora tivéssemos mais do que o Curso nos podia oferecer, faltaram recursos que julgávamos necessários, como por exemplo um microfone girafa. Na primeira saída tínhamos uma equipe toda nova, não conhecíamos o cinegrafista e a Barriga Verde não disponibilizou monitor. Na decupagem nos demos conta das limitações do câmara, muitas imagens tremidas, horizontes tortos, mas conseguimos belas imagens. Quando saímos para gravar a noite não tínhamos *sun gun* e a luz, às vezes, ficou forte demais. Para esta pauta tínhamos monitor e tripé à disposição, dispensamos o monitor e pouco utilizamos o tripé. Esta pauta pedia movimento de câmara,

agilidade, o que só foi possível com o equipamento solto. Finalmente na última saída tivemos o equipamento ideal. Mas o tripé e o monitor restringiram a movimentação da câmera e a Barriga Verde nos assustou trocando o cinegrafista com o qual já estávamos acostumados.

Esses obstáculos auxiliaram nosso aprendizado forçando-nos a lidar com situações adversas, sem no entanto colocar em risco o resultado final do trabalho. Trabalhei também com o cinegrafista do Curso de Jornalismo, captando imagens em S-VHS. Não utilizamos este material no Projeto, mas estas saídas me serviram para praticar a direção e aprender sobre as possibilidades de equipamentos diferentes.

#### **Entrevistas**

Sáíamos com um roteiro de entrevistas, mas na hora, o que valia era a improvisação. Atuando como ponto do Felipe, sugeria perguntas e ajudava a direcionar o diálogo. Felipe mostrou desenvoltura como entrevistador, conseguindo depoimentos com conteúdo e deixando os entrevistados à vontade, o que refletiu na atmosfera do programa.

Entrevistando pessoas de todas as raças, sexos, orientações sexuais e idades, intencionamos desconstruir estereótipos e passar uma mensagem contra os preconceitos. Tivemos dificuldades em entrevistar mulheres que, negando a dar depoimentos, mostraram-se mais arredias que os homens. Além disso, na gravação do programa da noite, havia mais homens que mulheres nos locais visitados.

#### **Decupagem e Roteirização**

Durante a decupagem me familiarizava com as imagens captadas e ao selecioná-las, o roteiro da edição ia tomando forma por si só. Os depoimentos sugeriam o encadeamento das idéias, depois era cobrir as sonoras e recheiar o programa com as imagens escolhidas.

#### **Escolha da trilha sonora**

Queria trabalhar com músicas atuais, para despertar a atenção do espectador e passar a idéia de algo novo. Percebo na televisão que existe uma opção por músicas antigas como trilhas da maioria dos programas. Queria algo que estivesse sendo lançado agora e, claro, que fosse do nosso agrado. Assim a opção foi o *techno*.

Este tipo de música começou no *underground*, se tornou *mainstream* e no último ano chegou às paradas. As bandas *techno* de sucesso passaram a ser requisitadas pelos grande *pop stars*, para composições e arranjos, e pelo cinema para fazer trilhas. Este se tornou o som preferido de uma tribo, os

*clubbers* e embala festas com muita dança chamadas de *raves*. Queria aproveitar a evidência deste tipo de música e chamar atenção para o programa.

A trilha foi muito importante porque foi a partir daí que acertamos nosso ritmo de edição. Considero uma opção muito acertada que enriqueceu os programas. A batida das músicas coincide em muitos casos com os cortes, mudanças de cenas e de locações, criando uma atmosfera sonora ideal.

No programa da praia Mole mantivemos a orientação de usar trilhas atuais mas mudamos o ritmo. Optamos por uma linha “nativista” trabalhando com cds de bandas locais, Dazaranha e Stonkas y Congas, lançados este ano. Incentivados pelos depoimentos colhidos, demos a este programa um ritmo de reggae.

#### **Pré-edição, Edição e Finalização**

Foi aqui que passei a maior parte do meu tempo e onde os programas realmente tomavam corpo. Como todo o resto do processo, foi muito enriquecedor e aprendi muito. Lidamos com dois sistemas de edição: na TV Barriga Verde trabalhamos com o sistema linear e no Curso de Jornalismo com o não-linear.

Nosso tempo de edição na TV era curto e precioso. Dispúnhamos de seis horas para editar e finalizar cada programa. Não podíamos errar e não tínhamos a orientadora por perto para sanar dúvidas. Encontramos uma solução perfeita. Pré-editamos os programas no curso com imagens em VHS, com o *time code* aparente, no avid. Depois de tudo acertado, trilha colocada, editávamos novamente o programa com as imagens em Beta. Já chegávamos na ilha linear com a edição final resolvida, era só acrescentar a arte e os créditos. Cada programete exigiu uma média de 15h, ou mais, de edição/finalização. A trilha sonora era colocada nos últimos minutos disponíveis de edição e tínhamos que acertar da primeira tentativa pois não havia tempo para refazer.

A medida que editávamos os programas íamos descobrindo novas possibilidades do equipamento e a capacidade do pós-produtor era posta a prova pois nossas expectativas e exigências aumentavam. Muitas vezes esbarramos nas limitações dos técnicos, tanto no Curso como na TV BV. Tivemos que mudar nossas exigências e nos contentarmos com o que os operadores podiam fazer.

Corríamos contra o tempo. Só dispúnhamos daqueles horários e conseguimos sempre finalizar os programas na hora exata. Aliás, neste Projeto todos os prazos que estabelecemos e os estabelecidos pelos outros

interessados foram rigorosamente cumpridos. Pela correria sentia como se já estivesse trabalhando em uma rede de TV. Durante uma semana tive edição todos os dias. Alguns dias das 8h às 14h na TV e das 15h às 19h no Jornalismo. Outras vezes editava de manhã e tinha gravação à tarde. Haja neurônios!

Este ritmo corrido, com cronogramas apertados para se cumprir, similar ao que se vive profissionalmente, foi algo que me atraiu bastante neste trabalho. Por dois meses trabalhei, respirei, pensei, vivi este programa. Espero que gostem do resultado!